

EDITORIAL

Em fevereiro, p.p., estiveram reunidos no "Morro das Pedras" em Florianópolis, SC, um grupo de sacerdotes, para refletirem sobre a "Celebração Eucarística e as suas Dimensões Pastorais". Reuniram-se com a intenção de aprofundarem o seu conhecimento do mistério eucarístico, para que isto lhes ajudasse a melhor vivê-lo na liturgia e no dia-a-dia. Apresentamos neste número da "Perspectiva Teológica" algumas das exposições feitas naquele encontro.

A consideração a seguir será uma introdução às reflexões dos artigos da revista.

.....

O Sacramento da Eucaristia é a grande "ação de graças" da Igreja. Ela é a resposta dos redimidos, que em comunhão com o Cristo prestam culto de agradecimento e de adoração a Deus: "É digno e justo agradecer-vos, Senhor nosso Deus". Como Instituição do Senhor, a Eucaristia é a continuação da função sacerdotal de Cristo, quer dizer, de sua dupla entrega: a Deus e aos Homens, e permanece a forma mais perfeita da expressão de sua obediência para com Deus e de sua solidariedade para com os homens. Por isso a Eucaristia é o sinal essencial do tempo da salvação, o verdadeiro símbolo da nova humanidade, o centro da Igreja.

A ação de graças eucarística tem como pressuposto a fé na realidade da salvação, fazendo-a assim um sinal especial de fé. Por isso não é de estranhar que muitas das perguntas e das dificuldades na fé iniciem na Eucaristia. Para muitos cristãos a Eucaristia como "Sinal da Unidade" é uma pedra de tropeço.

Pelo estudo do sentido da Eucaristia no Novo Testamento torna-se mais inteligível que ela seja o centro do culto e da vida cristã.

O banquete de despedida, a "Última Ceia", é a origem e o modelo da Celebração Eucarística. Uma narração paulina (1 Cor 11,23-25; Lc 22, 19-20) e uma narração petrina, posterior, com características acentuadamente litúrgicas (Mc 14,22-25; Mt 26,26-28), nos transmitiram a celebração da Última Ceia, relacionando-a com a celebração pascal dos judeus. O agradecimento inicial de Jesus - *eucharistein* -, que corresponde à bênção da mesa na ceia pascal judaica, deu ao sacramento o nome: Eucaristia.

Para uma melhor compreensão da Ceia Eucarística é importante fixar principalmente os seguintes pontos:

1. Trata-se de uma ceia solene, com reminiscências da Ceia Pascal dos judeus: celebração que recorda (anamnese) a ação salvífica de Deus. (Os textos transmitidos não deixam plena clareza se

a Última Ceia foi uma Ceia Pascal, segundo o estilo judaico. Em todo caso ela não tem apenas o caráter de recordação como entre os judeus).

2. Jesus nos deu sua "carne" e seu "sangue" como alimento e bebida, o que significa: seu corpo e seu sangue sacrificial. Dali surge uma íntima união entre a Eucaristia e a entrega sacrificial de Jesus na Cruz.

3. A Celebração Eucarística não se destinava a acontecer uma só vez, mas devia ser repetida muitas vezes, para "anunciar a morte do Senhor até que Ele retornasse" (1 Cor 11,26).

4. A relação com a Nova Vinda do Senhor fundamenta a dimensão escatológica da Eucaristia.

5. Pela morte de Jesus se estabelece a Nova Aliança, cujo sinal duradouro é a Eucaristia. Eclesiologicamente isto significa: Através da Eucaristia aparece a nova ordem de salvação, testemunhada vivamente na Igreja. Ela se torna fundamento da Igreja, que é comunidade. Mostra-se aqui o aspecto comunitário da Eucaristia: fundamenta-se na comunhão com o Senhor crucificado e ressuscitado, e manifesta-se na comunidade viva dos discípulos. Já entre os primeiros cristãos se celebrava o "repartir do pão". Celebração esta, muitas vezes, idêntica à Celebração Eucarística. (At 2,42; 20,7-11).

Através do sentido real das palavras: Corpo, Sangue, Aliança, se acentua nos escritos do Novo Testamento a identidade dos dons eucarísticos com a Pessoa de Jesus. Se a Aliança é algo real e definitivo, então também o fundamento dessa Aliança - o corpo e o sangue sacrificial de Jesus - deverá existir realmente. Em relação à celebração da Ceia isto significa: Pão e Vinho são sinais de uma nova realidade no sacrifício pascal e na ceia sacrificial neotestamentária. Nelas Jesus se dá com carne e sangue, com toda a sua realidade e com toda a sua obra (presença corporal e atual): como corpo, entregue por nós, e como sangue da Nova Aliança, derramado pelos muitos (i. é, por todos). A interpretação realística já encontramos claramente em São Paulo (1 Cor 10,15-17; 11,27-29). Ela aparece também em S. João, no "Discurso da Promessa" (Jo 6,53-58).

Na explicação da presença real é de grande importância o conceito da "anamnese". Pelas palavras da Instituição Eucarística: "Fazei isto em minha memória", Jesus autoriza aos seus discípulos a imitá-lo na sua ação. Também eles são autorizados a "transsignificar" o Pão e o Vinho com "agradecimento, tornando presentes a Pessoa e a obra de Jesus. A anamnese, por isso, não é apenas recordação, mas "celebração revocativa". A unidade entre a pessoa e a obra de Jesus nos mostra que a presença real não é apenas presença somática, mas também presença atual, i. é, presença da ação salvífica

- tanto da ação de Deus em Jesus, como da ação salvífica do próprio Filho de Deus. Manifesta-se assim a função salvífica da Eucaristia.

A função histórico-salvífica da Eucaristia aparece claramente no "Discurso da Promessa" em S. João (6,26-63; especialmente v. s 53-58). A Eucaristia ali é entendida como continuação da missão salvífica de Jesus no mundo (6,57), unida com a Encarnação, a Elevação de Jesus na Cruz e à Direita de Deus no Céu. A "Carne" e o "Sangue" entregues pelo mundo, são oferecidos como alimento e bebida (v. 51). Significam a globalidade da vida de Jesus, unidade entre pessoa e obra, que são o fundamento da nova realidade. Esta nova realidade é, porém, uma realidade espiritualizada, que supõe o envio do Espírito e a Elevação de Jesus (6,63). A Eucaristia, por isso, nos relaciona com o estado definitivo da existência, que é produto e dom do Espírito Santo. A Ceia do Senhor é comida e bebida espiritual, idêntica com o Senhor Elevado, que unifica a todos os que comungam no seu corpo (cf. 1 Cor 10,17). A Eucaristia é o sinal, cheio de vida, da existência definitiva. Por isso é também prenúncio da Ceia escatológica no Reino de Deus, conforme deixam vislumbrar as palavras de Jesus que acompanham a distribuição do cálice: "Não tornarei a beber o produto da vide até ao dia em que eu o beba novamente no Reino de Deus" (Mc 14,25; Lc 22,16-18).

Indica-se assim o horizonte histórico-salvífico em que se enquadra o mistério da Eucaristia: esta é o sinal sacramental da unidade entre o acontecimento salvífico de Jesus, desde a encarnação até a exaltação, e a comunhão vivificante de Jesus com os homens. Dentro desta perspectiva os Santos Padres já procuraram interpretar a Eucaristia. Santo Agostinho, com referência a 1 Cor 10,17, dizia: "Um pão, um corpo somos nós, os muitos".

Com o tempo, porém, a natureza dos dons consagrados se tornou o problema da doutrina eucarística ocidental. No século XIII, principalmente, o culto eucarístico evoluiu para um aspecto fortemente visual. A doutrina da transubstanciação se transformou numa especulação filosófica sobre a relação entre a substância e os acidentes.

O Concílio Vaticano II acentuou novamente o aspecto histórico-salvífico da Eucaristia. A Eucaristia voltou a ser o sinal e a fonte da unidade entre os cristãos, o centro vital da Igreja. A participação pessoal na comunhão conduz à unidade dos crentes. Com isto surge o problema da intercomunhão dos membros das diferentes igrejas cristãs. Dizemos que a Eucaristia é o símbolo da Unidade. Os irmãos comem na mesma mesa. O que falta ainda para que os "irmãos separados" possam celebrar Eucaristia conosco? O mais lamentável é isto: lá onde a unidade dos cristãos se deveria

manifestar mais facilmente, a separação se torna especialmente clara e real. Consola-nos, contudo, o fato de que assim mesmo a Eucaristia permanece, para a maioria dos cristãos, o ágape da esperança, pelo qual antecipamos a reconciliação definitiva da paz e da unidade.

.....

Além das contribuições sobre a Eucaristia, publicamos neste número da "Perspectiva Teológica" a continuação do trabalho sobre "A Dimensão Eclesial dos Sacramentos segundo Karl Rahner", iniciado no número anterior, e uma consideração sobre "A Igreja e a Escravidão Negra no Brasil". A atitude da Igreja perante a Escravidão ainda hoje escandaliza a muitos. Por mais de 300 anos existiu no Brasil escravidão negra. A Igreja praticamente não a questionou e a maioria dos moralistas a aceitava como instituição legítima. É verdade, alguns missionários se declararam contra a escravidão, mas por isso, em geral, eram banidos da Colônia. Também o clero e os religiosos possuíam escravos. Mas com que categorias julgar o passado? Mais importante do que julgar o passado com critérios atuais deve ser o empenho para que as opressões humanas de agora sejam contestadas e eliminadas.

Inácio Strieder, S.J.
Redator